

Educação popular trabalhada em oficinas de saúde: a sexualidade durante o adolescer

Gabriela Fávero Alberti¹, Cléton Salbego², Sandra Ost Rodrigues Martins Carvalho³, Dirceu Luiz Alberti⁴

Resumo

A oficina, caracterizada pelo trabalho em grupo, é considerada como um dos dispositivos pedagógicos que dinamizam o processo ensino-aprendizagem e estimulam o comprometimento criativo de seus integrantes. Objetiva relatar vivências acadêmicas que permearam as práticas de educação popular em saúde, desenvolvidas por meio de oficinas direcionadas a adolescentes, sobre a temática sexualidade. O projeto Comunidade Saudável caracteriza-se como um conjunto de atividades que se articulam e atuam cooperativamente, tomando como pressuposto básico, em suas ações, a busca da transformação social forjada nas relações dialógicas. Este relato de experiência utilizou como método envolver a dimensão participativa e dialógica embasada nos referenciais teóricos de Paulo Freire, a partir da execução de uma oficina com adolescentes mediada por acadêmicos de Enfermagem e Psicologia. A dinâmica escolhida para conduzir o diálogo foi “Jogos dos mitos e da realidade”, enfatizando a temática da sexualidade. As ações de educação popular em saúde, numa perspectiva dialógica, emancipadora, participativa, criativa e que contribua para a autonomia do usuário, dizem respeito à condição de sujeito de direitos e autor de sua trajetória de vida. Coloca-se em destaque que a ideia de oficina, o planejamento das dinâmicas e a participação ativa de acadêmicos – sujeitos em formação – contribuíram para incentivar a transformação das tradicionais práticas de educação em saúde e repensar novas práticas que garantam a superação das situações dos limites existentes, empecilhos para uma melhor qualidade de vida.

Palavras-chave

Educação Popular. Educação em Saúde. Sexualidade. Adolescentes.

1. Mestranda em Enfermagem na Universidade Federal de Santa Maria, membro do Grupo de Pesquisa Cuidado, Saúde e Enfermagem (GEPES) e do Coletivo IntenSUS: Interdisciplinaridade e Ensino no Sistema Único de Saúde. E-mail: g_falberti@hotmail.com.

2. Mestrando em Enfermagem na Universidade Federal de Santa Maria, membro do Grupo de Pesquisa Cuidado, Saúde e Enfermagem (GEPES). E-mail: cletonsalbego@hotmail.com.

3. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria, professora no curso de graduação em Enfermagem da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai das Missões (Campus Santiago). E-mail: sandrinhaost@yahoo.com.br.

4. Doutorando em Educação na Universidade Federal de Santa Maria, professor de educação popular na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai das Missões (Campus Santiago). E-mail: alberti@urisantiago.br.

Popular education in health workshops: sexuality during adolescence

Gabriela Fávero Alberti*, Cléton Salbego**, Sandra Ost Rodrigues Martins Carvalho***, Dirceu Luiz Alberti****

Abstract

The workshop, whose main characteristic is the teamwork, is considered a pedagogical tool that gives dynamism to the teaching-learning process and stimulates creative commitment of its members. This text aims to report the academic experiences had during the popular health education practices, which were developed in workshops on sexuality for teenagers. The project "Comunidade Saudável" (Health Community) is a set of activities that cooperatively articulate and act, having as basic actions the search for social transformation from dialogical relations. This experience report used a participatory and dialogic dimension, based on Paulo Freire's theoretical frameworks, in workshops with teenagers mediated by Nursing and Psychology students. "Myth and reality games" was chosen to lead the dialogue in which sexuality was emphasized. From a dialogic, emancipatory, participatory, and creative perspective, popular education actions in health, which also contribute to the user's autonomy, make reference to the subject who has rights and is author of his life story. The idea of the workshop, the dynamic planning and the student's active participation contributed to encourage the traditional practices of health education makeover and to rethink new practices that would make possible to overcome the existing limitations, which are impediments to a better quality of life.

Keywords

Popular Education. Health Education. Sexuality. Teenagers.

* Master's student in Nursing at the Federal University of Santa Maria, member of Care, Health and Nursing Research Group and of the Coletivo IntenSUS: Interdisciplinaridade e Ensino Sistema Único de Saúde (SUS). E-mail: g_falberti@hotmail.com.

**Master's student in Nursing at the Federal University of Santa Maria, member of Care, Health and Nursing Research Group. E-mail: cletonsalbego@hotmail.com.

***Master in Nursing from the Federal University of Santa Maria, professor in Nursing at the Regional Integrated University of Alto Uruguai das Missões (campus Santiago). E-mail: sandrinhaost@yahoo.com.br.

**** Doctoral student at the Federal University of Santa Maria, professor of popular education at the Regional Integrated University of Alto Uruguai das Missões (Campus Santiago). E-mail: alberti@urisantia.go.br.

Introdução

O projeto Comunidade Saudável apresenta-se como uma ação de extensão de grande porte promovido, anualmente, no mês de abril, pelo Instituto Federal Farroupilha de São Vicente do Sul-RS. O ano de 2013 concretizou sua 8ª edição, tratando-se de um evento alusivo ao Dia Mundial da Saúde, com vista a consolidar diferentes ações de promoção e prevenção da saúde a partir de serviços, ações, orientações e oficinas destinadas à população em geral. A Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai das Missões (URI), *Campus Santiago*, instituição a que os autores deste relato de experiência estão vinculados, tem participado todos os anos desse projeto com diferentes propostas organizadas por docentes e discentes da instituição de ensino.

Avaliando a proposta de trabalho desse evento, evidencia-se o estreitamento dos laços entre a comunidade regional e a instituição, na qual, por meio da execução dessas diversas atividades, supera-se a concepção tradicional de extensão universitária que, segundo Freire (1977, p. 22), está baseada em uma visão messiânica, na qual sujeitos superiores depositavam seus conhecimentos em pessoas-recipientes, desconsiderando suas vivências e desrespeitando seus saberes, valores e crenças para impor-lhes os valores e os saberes produzidos na academia. Dessa forma, associou-se o termo “extensão” a uma concepção diretiva, vertical, de transmissão, doação, messianismo, invasão cultural. Tais práticas reduzem o ser humano a um ouvinte passivo, alienado ao saber acadêmico, negando-lhe o direito de agir, participar ativamente como ser de transformação do mundo, negando-lhes também, o protagonismo na elaboração de conhecimentos autênticos (FREIRE, 1977).

O projeto Comunidade Saudável, por sua vez, caracteriza-se como um conjunto

de atividades que se articulam e acontecem cooperativamente, tomando, como pressuposto básico em suas ações, a busca da transformação social forjada nas relações dialógicas que estimulam uma troca de saberes, vivências e experiências, entre a academia e a sociedade. Nessa dinâmica, é oportuno destacar as práticas de extensão que se pautam nos princípios da educação popular, uma vez que não podemos falar de extensão universitária sem considerar o ensinar e o aprender como dimensões fundamentais da educação popular.

Para consolidação desse evento, a instituição promotora contou com o auxílio de instituições de ensino superior por meio de cursos técnicos e de graduação das diferentes áreas, além da oferta de serviços públicos gratuitos do município e região, como, por exemplo, doação de sangue, mamografias, cortes de cabelo, entre outros, disponibilizados no local.

Foi nesse cenário educativo multidisciplinar que os cursos de graduação em Enfermagem, Psicologia, Farmácia e Biologia da URI, *Campus Santiago/RS*, participaram de algumas das edições desse projeto e integraram as oficinas, planejadas e executadas pelos acadêmicos com o apoio de professores e colaboradores, abordando temáticas de interesse social e das classes populares.

Os acadêmicos dos cursos de Enfermagem e Psicologia, especificamente, trabalharam com oficinas temáticas para alguns públicos-alvo, sendo adolescentes, mulheres e homens os principais. Portanto, o enfoque para a discussão que propomos com este relato está baseado na oficina pioneira, desenvolvida no ano de 2010, 5ª edição do evento, que abordou a temática da sexualidade para adolescentes e se repetiu em outras edições nos anos de 2010, 2011, 2012 e 2013.

A adolescência está conceituada como

[...] etapa da vida compreendida entre a infância e a fase adulta, marcada por um complexo processo de crescimento e desenvolvimento biopsicossocial (BRASIL, 2005, p. 7).

No que se refere aos critérios cronológicos, a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera adolescente todo e qualquer sujeito com idade entre 10 e 19 anos. Já no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera a faixa etária correspondente à adolescência entre 12 e 18 anos (BRASIL, 1990). É importante ressaltar que o critério cronológico visa identificar requisitos para auxiliar nas investigações epidemiológicas e na elaboração de políticas públicas, ignorando, assim, as características biopsicossociais que acometem, singularmente, cada um desses sujeitos.

É nesse sentido que os acadêmicos dos cursos de Enfermagem e Psicologia engajaram-se na abordagem dessa temática mediante oficinas educativas, dialógicas e problematizadoras, fundamentada na concepção de Freire (2011a), segundo a qual, a educação problematizadora insere a realidade dos sujeitos no contexto educativo mediante a valorização do diálogo, da reflexão e da criatividade de modo a construir a libertação. É nessa perspectiva teórica que se insere a adolescência, as vulnerabilidades e as potencialidades dessa etapa em que se produzem conhecimentos e saberes, e a realidade individual de cada sujeito como objeto de reflexão.

A oficina, caracterizada pelo trabalho em grupo, é considerada como um dos dispositivos pedagógicos que dinamizam o processo ensino-aprendizagem e estimulam o comprometimento criativo de seus integrantes. Esse processo de educação colabora para a construção de um espaço de transformação e diálogo que Freire (2011) denomina “prática de liberdade”.

A educação popular em saúde representa o conjunto de conceitos polissêmicos, que ganham expressão concreta nas ações sociais orientadas pela construção de ligação entre

as necessidades sociais e a configuração de políticas públicas, proporcionando mobilizações coletivas em torno de projetos que levem à autonomia, solidariedade, justiça e equidade. Considerando ainda que a educação popular, ao colocar-se como referência no campo de práticas dos profissionais de saúde, contribui para a formação de profissionais comprometidos com as questões sociais, não somente pela mudança de atitudes e comportamentos por ela gerados, mas, principalmente, por direitos e comprometimentos com posturas acolhedoras e de incentivo à construção da autonomia das pessoas e dos grupos sociais. Assim, acredita-se ser de suma importância a participação acadêmica nessas atividades, nas quais o reconhecimento do outro implica em colocar-se no lugar dele, para estabelecer o diálogo que renova e produz novos conhecimentos.

Em decorrência desse envolvimento acadêmico em espaços educativos diferenciados que elaboramos o presente artigo, a fim de relatar as experiências e as percepções que permearam as práticas de educação popular em saúde. Neste relato, particularmente, abordaremos a oficina que teve como temática principal a sexualidade, trabalhada com adolescentes.

Metodologia

A sexualidade constituiu-se em um eixo temático em torno do qual aconteceu o planejamento da oficina para os adolescentes (BRASIL, 2001), enquanto que a metodologia envolveu a dimensão participativa e dialógica, embasada nos referenciais teóricos de Paulo Freire. O grupo de facilitadores constituiu-se de acadêmicos dos cursos de Enfermagem e de Psicologia da URI/*Campus* de Santiago. Vale destacar que o planejamento da proposta e a capacitação dos envolvidos nessa construção antecederam o evento, a fim de possibilitar o aperfeiçoamento de técnicas e o embasamento teórico que enriqueceram ainda mais esse

espaço. Portanto, em um primeiro momento, planejou-se a logística da oficina. Foi solicitada à coordenação do evento uma sala ampla, com flexibilidade nas cadeiras para que pudessem ser colocadas em círculo, bem como materiais didáticos, como cartolina e pincel atômico.

A dinâmica escolhida para conduzir o diálogo foi “Jogos dos mitos e das realidades”, proposta pela cartilha *Adolescer: compreender, atuar, acolher* (BRASIL, 2001). O objetivo dessa dinâmica é refletir sobre os mitos relacionados à anatomia, fisiologia, anticoncepção e doenças sexualmente transmissíveis (DST) para o público adolescente.

Em uma caixinha, colocaram-se diversas tiras de papéis com frases (mitos e realidades) sugeridas pelo livro e referente à temática. Os participantes e facilitadores ficaram dispostos em círculos e a caixinha passava de mão em mão. Cada um dos participantes (incluindo os facilitadores) retirava uma das frases, lia para o grande grupo e expressava sua opinião.

Os sujeitos da atividade foram adolescentes, com idade entre 13 e 17 anos, oriundos de escolas municipais, estaduais e/ou particulares da região, que acompanharam suas escolas para prestigiar o evento “Comunidade Saudável”. A participação nas oficinas deu-se em caráter voluntário, com duração máxima de 60 minutos e com participação estimada de 30 pessoas.

Resultados e Discussão

Analisando a amplitude do contexto dessa prática pedagógica com adolescentes, podem-se visualizar os conceitos que emergiram com a vertente da educação problematizadora e educação popular em saúde, aplicando o método de Freire (2011a). A *criatividade*, observada a partir da escolha por uma prática pedagógica de (re)construção do saber, a dinâmica “Jogos dos mitos e das verdades”, e como essa atividades apresentou-se no decorrer da oficina; a *reflexão*,

mediante a leitura, explanação e a provocação das frases que estavam na caixinha; o *diálogo* que desvelou as percepções dos jovens acerca da temática proposta, a sua *autonomia* para aceitar ou discordar daquilo que estava sendo dito, expressando suas opiniões e experiências de vida e, por último, a *emancipação*, tanto do adolescente que se insere, quanto do acadêmico que traz a ideia pra discussão, pois o espaço proporcionou a desconstrução e a construção de verdades existentes na realidade de cada um, “realidade, ressignificada, para a qual retornamos, também, renovados” (SOUZA, 2007, p. 116).

Além disso, abordou-se a sexualidade como um tema gerador, que perpassa desde o corpo físico e biológico, a emergência do gênero, a saúde (doenças sexualmente transmissíveis, anticoncepção, gravidez, cuidado de si), até mesmo o processo de educar frente às representações sociais e culturais existentes sobre o *adolescer*. A relação dialógica permitiu uma discussão em nível horizontal com ampla participação de todos, permitindo a desconstrução dos mitos e tabus em relação à temática.

Sabe-se que são muitos os enfrentamentos nessa fase tão peculiar do processo de maturação do ser humano, uma vez que existem informações errôneas que perpassam de pais para filhos durante gerações, baseadas em princípios culturais e costumes, ou ainda, experiências frustradas, vínculo familiar fragilizado que, juntos, fomentam sentimentos de medo e ansiedade deste público.

Durante a realização da dinâmica, os adolescentes/participantes apresentaram, em seus questionamentos, opiniões e vivências distintas sobre a discussão da sexualidade entre pais e filhos. Alguns relataram que o diálogo era fluente, enfatizando que, mesmo sendo constrangedor a abordagem do assunto com seus pais, eram eles as pessoas mais indicadas e que possuíam o conhecimento necessário para minimizar seus anseios. Em

contraponto, outros adolescentes expressaram o constrangimento em dialogar com seus pais sobre assuntos relacionados ao ato sexual, contraceptivos, entre outros, por opressão, nervosismo e medo da reação dos pais.

A dificuldade do diálogo aberto entre pais e filhos sobre a sexualidade fragiliza as relações de confiança entre ambos, tornando-se emergente, por parte dos adolescentes, a busca por informações para minimizar suas dúvidas. A sede em descobrir-se, adquirir novos saberes sobre o assunto, faz com que a grande maioria dos adolescentes busque os meios de comunicação como uma das alternativas mais utilizadas, uma vez que é de fácil acesso a esse público tão carente de informações. A utilização das tecnologias de informação foram muito citadas pelos participantes, que, segundo eles, apresenta-se como um caminho mais seguro e fácil para se adquirir conhecimentos. Todavia, como mediadores das discussões, os profissionais da saúde buscaram sensibilizar estes jovens quanto aos riscos do acesso a informações equivocadas, objetivando, assim, tornar esse processo de maturação dos jovens, o mais seguro possível.

Frente ao exposto, o papel educativo do profissional de saúde se apresenta como componente essencial das ações básicas de saúde. O educar envolve afeto, persistência, desejo, relações humanas e contato corpo a corpo (FIGUEIREDO, 2005). Considera-se, portanto, que o ato de ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção, pois “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2011b, p. 25).

Frente a isso, duas questões são levantadas para reflexão: a primeira referente à emergência de se trabalhar para a desconstrução da representação que, na cultura existente em nossa sociedade, associa adolescência à noção de crise, desordem, irresponsabilidade, vulnerabilidade e, com isso, há uma

generalização dos riscos a partir do traçado de um limite negativo a esse período de vida. A segunda refere-se à onipresença dos meios de comunicação que possibilita um grande rol de informações sobre sexo e sexualidade, muitas vezes fornecidas incorretamente, além de que os mitos, boatos e superstições frequentemente são aceitos como realidade. Visto isso, o grande desafio dos educadores está em como promover o discernimento diante da gama de informações recebidas pelos alunos todos dias, pois

o verdadeiro problema não é o da informação quantitativa, mas o da organização da informação (MORIN; ALMEIDA; CARVALHO, 2002, p. 83).

Portanto, são nessas discussões que os profissionais da saúde se inserem para o desenvolvimento de ações educativas, emancipatórias e de cunho libertador.

Nesse contexto, a educação popular é entendida como um sistema de ensino e aprendizagem cuja teoria do conhecimento é construída, referenciada na realidade mediante pedagogias que incentivam a participação, a autonomia e a emancipação das pessoas (FREIRE, 2011a). Assim, a educação popular cujo ponto de partida é a realidade do oprimido, pode se tornar um instrumento importante nos processos de libertação do indivíduo e da sociedade.

Considerações finais

O desenvolvimento de ações de educação popular em saúde, numa perspectiva dialógica e emancipatória, participativa, criativa, que contribua para a conquista da autonomia do sujeito, pressupõe reconhecer no outro à condição de sujeito de direitos e autor de sua trajetória de vida. Neste caso, nos aspectos que permeiam a sexualidade dos sujeitos, considerar os adolescentes como tal.

Utilizamos este relato como um

instrumento de divulgação de uma experiência satisfatória que utilizou a educação popular como instrumento para se trabalhar temáticas relacionadas à saúde, como neste caso em que se discutiu sexualidade com adolescentes, temática que se apresenta com diferentes enfoques interpretativos, seja pelo educador, pela família e pelo próprio adolescente.

Os profissionais de saúde, também em seu papel de educadores, necessitam exercer sua autonomia diante da possibilidade de reinventar modos de cuidado humanizado e integral. Em

suma, coloca-se em destaque o planejamento de oficinas, utilizando-se a metodologia da educação popular para abordar temática tão delicada, bem como a utilização de dinâmicas que desencadearam uma participação ativa entre acadêmicos e participantes – sujeitos em formação. Essas ações foram fundamentais para incentivar a transformação das tradicionais práticas de educação em saúde e, acima de tudo, (re)pensar novas práticas que busquem garantir a superação das situações opressoras e promover a dignidade e a qualidade de vida.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Marco legal: saúde, um direito de adolescentes**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2005.

_____. Ministério da Saúde. **Adolescer: compreender, atuar, acolher**. Projeto Acolher/ Associação Brasileira de Enfermagem. Brasília, DF: ABEn, 2001.

_____. Ministério da Saúde. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: 1990.

FIGUEIREDO, N. M. A. **Ensinando a cuidar em saúde pública**. São Caetano do Sul: Yendis, 2005.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

_____. **P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários para à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

_____. **P. Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA (IFF). Campus São Vicente do Sul. **8ª edição do Comunidade Saudável acontece neste sábado**. Disponível em: <<http://www.svs.iffarroupilha.edu.br/site/conteudo.php?cat=13&sub=1649>>. Acesso em: 7 dez. 2013.

MORIN, E; ALMEIDA, M. C. de.; CARVALHO, E. de A. (Orgs.). **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2002.

SOUZA, E. S. Educação emancipatória, o processo de construção de sujeitos operativos: alguns conceitos. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderno de educação popular e saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2007.

Submetido em 25 de fevereiro de 2014.

Aprovado em 26 de março de 2014.